

## 11 Pragmática semântica

### Sinopse

A *pragmática* linguística é o estudo dos usos de expressões linguísticas em contextos sociais. Mas há duas maneiras crucialmente diferentes de uma expressão depender do contexto. Primeiro, devido à presença de elementos *deícticos* como pronomes pessoais e flexões, o conteúdo proposicional de uma frase varia de contexto para contexto (recorde-se que “Estou doente” diz coisas diferentes em função de quando é proferida e por quem). Segundo, mesmo depois de se fixar o conteúdo proposicional de uma frase, há vários outros aspectos importantes do seu uso que mesmo assim irão variar com o contexto. A *pragmática semântica* estuda o primeiro fenómeno, a determinação do conteúdo proposicional pelo contexto; a *pragmática pragmática* estuda o segundo.\*

Davidson lida com o problema dos elementos deícticos complicando a forma comum das suas frases V. O defensor da teoria dos mundos possíveis relativiza a verdade a um conjunto de factores contextuais que afectam o conteúdo, como o orador e o momento do tempo. Mas ambas as abordagens precisam de se libertar da necessidade de fazer uma listagem de um conjunto fixo de características contextuais.

A pragmática semântica tem uma gama complicada de dados que tem de enfrentar. Tem não apenas de cartografar os usos complicados de pronomes, flexão, etc., como tem também de resolver o problema geral da desambiguação: dado que quase toda a frase portuguesa tem mais de um significado, como identifica um ouvinte o significado correcto ao ouvir proferir a frase?

Charles Morris (1938) dividiu o estudo linguístico em *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*. Em traços muito gerais, a distinção era supostamente esta: a sintaxe é o estudo da gramática, o estudo das sequências de palavras que constituem frases bem formadas de uma dada linguagem e porquê. A semântica é o estudo do significado, visto principalmente (apesar de, como sabemos, isso não ser incontroverso) como uma questão de relações que as expressões linguísticas têm com o mundo e em virtude das quais são dotadas de significado. Em contraste, a pragmática estuda os usos de expressões linguísticas em várias práticas sociais, incluindo, claro, a conversa e comunicação quotidianas, mas não se limitando

\* Infelizmente, em português o substantivo *pragmática* não se distingue do adjectivo *pragmática*, pelo que ocorre uma aparência de repetição na expressão *pragmática pragmática*, que em inglês é *pragmatic pragmatics*. A expressão deve ser lida tendo em mente que a primeira ocorrência é o substantivo e a segunda o adjectivo, tal como em *linguística pragmática*. N. do T.

a elas. Neste uso, a perspectiva de Wittgenstein (veja-se o capítulo 6) pode ser formulada dizendo que ou a “semântica” é uma ilusão ou se reduz à pragmática.

## Pragmática semântica e pragmática pragmática

A palavra que mais ouvimos no estudo e prática da pragmática é “contexto,” querendo dizer *contexto de elocução*. A pragmática é especificamente sobre o funcionamento da linguagem em contexto. Isto marca um contraste significativo, pois a sintaxe e a semântica têm geralmente aspirado a ser descontextuais. A sintaxe é sobre se uma frase é gramatical ou se uma sequência de palavras constitui uma frase gramatical, sem mais. A semântica sempre se centrou no significado frásico, o significado de um tipo de frase, abstraindo de qualquer uso particular que se lhe possa dar. Mas há sempre pestes como Wittgenstein, Strawson e J. L. Austin, insistindo que a própria ideia de “tipo de frase” é uma abstracção violenta da realidade linguística. Quando uma frase é proferida, é invariavelmente proferida num contexto particular por um locutor particular e para um propósito particular. E isto é algo que não se pode ignorar, por razões robustas que tentarei clarificar nos restantes capítulos deste livro.

Afirmei que a distinção entre semântica e pragmática era supostamente que a primeira lida com os significados acontextuais de tipos de frases, ao passo que a última responde aos usos sociais das expressões linguísticas em contexto. Mas há duas razões pelas quais esta caracterização é demasiado simples. A primeira é que há um sentido importante em que a maior parte dos tipos de frases não têm pura e simplesmente significados acontextuais. A segunda é que, como veremos, os factores de uso social interferem de certos modos especiais no que se não fosse por isso consideraríamos significado proposicional.

Eis o sentido em que a maior parte dos tipos de frase não têm significados acontextuais. Recorde-se o fenómeno da deixis, introduzido na objecção 3 contra a teoria das condições de verdade, e considere-se uma frase fortemente deíctica. Suponha-se que você e eu entramos numa sala de aulas vazia e encontramos as seguintes palavras escritas no quadro:

- 1) Estou doente e hoje não darei aula.

A menos que descubramos quem escreveu estas palavras e quando e para quem, não sabemos exactamente o que se disse (ainda que saibamos *algo* sobre o que se disse); não sabemos que proposição se exprimiu. Em termos da teoria dos mundos possíveis, não conhecemos a intensão da frase. De facto, se a frase tivesse sido rabiscada no quadro meramente como um exemplo linguístico, sem lhe atribuir referentes nem mesmo tacitamente aos seus elementos deícticos, não exprimiria qualquer proposição e não teria sequer uma intensão.

A moral da história comum à objecção original 3 e a este último argumento é que a condição de verdade completa de uma frase depende de factores contextuais. E, ainda que não se aceite a teoria semântica das condições de verdade, é visível que o significado de uma frase, no sentido do seu conteúdo proposicional, depende do contexto precisamente do mesmo modo.

Cresswell (1973) distinguiu entre dois tipos de pragmática: a *pragmática semântica* e a *pragmática pragmática*.<sup>1</sup> A pragmática semântica lida com aqueles elementos do significado no sentido de conteúdo proposicional que simplesmente dependem mesmo do contexto. É a disciplina que nos diz como o conteúdo proposicional é determinado por características contextuais. Mas antes de dizermos mais sobre isso e de explicar a noção contrastante, enfrentemos a objecção 3.

## O problema da deixis

Regressemos ao problema de Davidson: ele precisa de encontrar um modo de formular frases V que acomodem elementos deícticos ou indexicais sem que tenham condições de verdade erradas. Mencionei a proposta do próprio Davidson para o fazer. Outras tentativas notáveis foram feitas por Weinstein (1974) e especialmente Burge (1974), mas aqui apresentarei uma ideia simples sugerida por Harman (1972).<sup>2</sup>

Vimos que uma desvantagem da proposta de Davidson era limitar os factores contextuais potencialmente relevantes ao locutor e ao momento do tempo. Há muitas outras. Um exemplo óbvio são os objectos indicados pelo gesto indicador de quem fala, como quando alguém diz “Este é mais caro do que aquele,” apontando sucessivamente para dois objectos diferentes em exibição. Tomemos um exemplo mais exótico: *hemisfério*.<sup>3</sup> “É outono” é verdadeira no momento em que escrevo na Carolina do Norte, EUA, mas não seria verdadeira caso fosse proferida simultaneamente em Sydney ou em Buenos Aires. (E o hemisfério relevante não é necessariamente determinado pela localização de quem fala; depende também da audiência e dos propósitos conversacionais. Se estou a conversar com um australiano sobre questões australianas – mesmo que estejamos os dois na Carolina do Norte e em Novembro – posso dizer “Dado que é primavera, os estudantes estão agora a começar a pensar nos exames finais.”) Por isso, precisamos de uma abordagem das frases deícticas visadas que não pressuponha um número fixo de variáveis contextuais.

<sup>1</sup> As distinções aqui desenvolvidas são razoavelmente tradicionais. Mas recentemente tem havido alguma disputa sobre a melhor maneira ou maneiras de fazer em particular a distinção entre semântica e pragmática. Veja-se, por exemplo, Bach (2002) e Bezuidenhout (2002).

<sup>2</sup> Esta ideia é desenvolvida no capítulo 3 de Lycan (1984).

<sup>3</sup> Foi Peter van Inwagen que uma vez me chamou a atenção para isto.

Façamos tudo de um só golpe. Podemos relativizar “verdadeira” a contextos – dado já sabermos que a verdade de um tipo de frase varia realmente com o contexto – e introduzir uma função,  $\alpha$ , que irá procurar elementos deícticos que ocorrem num contexto e dizer que contribuição esse elemento dá nesse contexto para o conteúdo proposicional.<sup>4</sup> Por exemplo, se (como geralmente se pensa) o pronome da primeira pessoa “eu” denota sempre quem fala,  $\alpha$  procurará uma ocorrência de “eu” numa elocução particular e associará essa expressão à pessoa que a proferiu. Abreviadamente,  $\alpha(\text{“eu”}, C)$  – que se lê “o que  $\alpha$  atribui a “eu” no contexto  $C$ ” – é o locutor em  $C$ . Do mesmo modo, se “agora” denota aproximadamente o momento do tempo em que uma elocução é proferida, então  $\alpha(\text{“agora”}, C)$  é esse momento. E  $\alpha(\text{“amanhã”}, C)$  seria o dia imediatamente a seguir ao acto de elocução em  $C$ .

Depois podemos escrever os lados direitos das frases V de Davidson em termos do que  $\alpha$  atribui no contexto  $C$  a cada elemento deíctico na frase visada. Assim:

“Estou doente” é verdadeira em  $C$  se, e só se,  $\alpha(\text{“eu”}, C)$  está doente em  $\alpha(\text{“agora”}, C)$ .<sup>\*</sup>

“Estou doente e hoje não darei aula” é verdadeira em  $C$  se, e só se,  $\alpha(\text{“eu”}, C)$  está doente durante  $\alpha(\text{presente}, C)$ <sup>5</sup> e  $\alpha(\text{“eu”}, C)$  não dá aula durante  $\alpha(\text{futuro}, C)$  em  $\alpha(\text{“hoje”}, C)$ .

“Ela nunca foi a um bar de *karaoke*, mas tu e ela irão a um amanhã de manhã” é verdadeira em  $C$  se, e só se,  $\alpha(\text{“ela”}, C)$  não vai a um bar de *karaoke* durante  $\alpha(\text{perfeito}, C)$  mas  $\alpha(\text{“tu”}, C)$  e  $\alpha(\text{“ela”}, C)$  vão a um bar de *karaoke* durante a manhã de  $\alpha(\text{“amanhã”}, C)$ .

Problema resolvido. Isto é, o problema técnico de Davidson de formular frases V; sobre  $\alpha$  há outras questões filosóficas que se podem levantar, e que levantaremos.

<sup>4</sup> Isto pressupõe que os elementos deícticos estão de algum modo marcados como tal na forma lógica.

<sup>\*</sup> Note-se que em português se omite tipicamente o pronome “eu” e o advérbio “agora” em locuções deste género, ao contrário do que acontece em inglês, em que é comum escrever ou dizer *I am sick now*. A elisão que ocorre em português torna bastante menos plausível esta teoria, pois a função alfa nada irá encontrar explicitamente na elocução que possa transformar adequadamente, e não parece ter recursos para que alfa possa encontrar pronomes e advérbios elididos. O problema parece intratável dado que em português é o próprio contexto que determina a forma lógica da elocução, sem contudo introduzir qualquer marcador linguístico que a função alfa possa transformar. *N. do T.*

<sup>5</sup> Este tratamento da flexão é uma simplificação grosseira, por uma questão de conveniência; para um tratamento da flexão, veja-se Lycan (1984: 55-62).

Os lógicos intensionais lidaram com a deixis relativizando a verdade a um “índex,” que era um conjunto fixo de variáveis contextuais. Montague (1968) e Scott (1970) consideraram que um índex é um conjunto de oito elementos canónicos que consistem num mundo possível  $m$ , um momento do tempo  $t$ , um lugar  $l$ , um orador  $o$ , uma audiência  $a$ , uma sequência de objectos indicados ou apontados  $i$ , um “segmento de discurso”  $d$ , e uma “sequência de atribuições de variáveis livres”  $s$  (não interessa o que são estes dois últimos). Neste sistema, uma atribuição de condição de verdade teria a seguinte aparência:

“Estou doente” é verdadeira em  $\langle m, t, l, o, a, i, d, s \rangle$  se, e só se, em  $m$ , o está doente em  $t$ .

Mas isto tem as mesmas desvantagens do método de Davidson, apesar de não tão gravemente, dado restringir arbitrariamente o número de características contextuais que se podem citar.<sup>6</sup> Não temos maneira de prever que outras características do género poderão tornar-se relevantes para a verdade de uma elocução.

Por exemplo, já introduzimos uma variável inesperada, *hemisfério* (dividindo o meridional do setentrional). Há muitas mais, aparentemente sem qualquer limite. A verdade de “São 17:00 horas” depende do *fuso horário*, que é um constructo inteiramente convencional. (Como Wittgenstein salientou, os fusos horários pertencem ao nosso planeta; “São 17:00 horas no Sol” não tem valor de verdade.) E algumas locuções pressupõem um tipo de *ponto de vista*, muitas vezes diferente do lugar da própria elocução, e que pode mudar até mesmo no interior de uma só frase (Fillmore 1975; Taylor 1988). Tome-se

2a) O Pedrado foi à festa do Tio Chico.

2b) O Pedrado veio à festa do Tio Chico.

2c) Vou sair para limpar o terreno de pastagem;... – Tu vens também.

(Robert Frost, *The Pasture*)

2a e 2b podem ter a mesma condição de verdade, mas 2b só pode ser adequadamente proferida por alguém cujo ponto de vista seja o local da própria festa. (Note-se também que o que conta é o ponto de vista aquando da festa sob discussão, e não aquando da elocução; esta é mais uma variável de contexto, a que se chama habitualmente *momento de referência*.) Em 2c o ponto de vista muda fluidamente do lugar de elocução para o terreno de pastagem ou pelo menos para algures no caminho em que o locutor precede o seu interlocutor.

Ao chegar a Princeton para dar uma palestra, encontro uma antiga colega que da última vez que a vi era a dar aulas em Wellesley. Pergunto-lhe “Agora estás aqui?” não para saber se ela está fisicamente localizada em Princeton (dah) mas se ela trabalha agora no

<sup>6</sup> E há também uma objecção mais séria, salientada por Burge (1974).

departamento de filosofia de Princeton (Nunberg 1993: 28); assim, o valor de verdade pode variar com *instituição de emprego*. Ou tome-se

3) Amanhã é sempre a maior noite de festa do ano

proferida sexta-feira antes do começo das aulas (Nunberg 1993: 29; Nunberg refere ter tirado o exemplo de Dick Oehrle). “Amanhã” em 3 não pode referir, como seria normal, o dia ou noite seguintes à data da elocução; refere-se a um *tipo* de data no calendário acadêmico dos estudantes, nomeadamente o sábado anual antes do começo das aulas.

Eu poderia continuar sem fim. A moral da história é que não podemos jamais ter a certeza de ter antecipado todas as variáveis de contexto que podem afectar os valores de verdade. Por isso eu aconselharia os defensores da teoria intensional a deitar mão, em vez disso, da poderosa função de atribuição  $\alpha$  de Harman.

## O trabalho da pragmática semântica

O truque é descobrir *como  $\alpha$  é computada*; isto é, que regras usamos em contextos particulares para preencher os pedaços que faltam do conteúdo proposicional que correspondem a elementos deícticos. Presumivelmente, cada um desses elementos da linguagem rege-se por uma regra apropriada.

Por exemplo, podemos olhar para o pronome “eu” e sugerir que, num dado contexto, “eu” denota sempre quem fala. Passando para “agora,” parece razoável dizer que refere sempre no contexto o momento da elocução. De facto estas primeiras tentativas são demasiado simplistas. “Eu” pode ser usado como dispositivo de referência condicionada a uma posição ou papel, como quando um presidiário diz “É-me tradicionalmente permitido encomendar seja o que for que eu quiser para a minha última refeição” (Nunberg 1993: 20). Por vezes, “eu” é usado na formulação de uma generalização, como em “Se sou um departamento de música, sou um buraco de cobras.” A referência temporal “agora” pode também ser condicionada, como quando estamos a ver uma representação da evolução da vida numa linha do tempo e, apontando, digo “Agora surgem os dinossáurios,” ou quando você deixa uma mensagem no seu atendedor de chamadas que diz “Não estou agora em casa.” “Agora” é por vezes espacial em vez de ser de algum modo temporal – “Agora a Estrada de Hillsborough atravessa a Estrada do Aeroporto e torna-se o Caminho Umstead” – e por vezes nem sequer é espaço-temporal – “Agora vem o primeiro número primo cujo quadrado é maior que mil.” Mas uma tarefa da pragmática semântica é aprimorar tais regras até serem adequadas aos dados.

O lógico intensional David Kaplan (1978) considera que essas regras são funções. Tal como uma intensão é uma função de mundos para extensões, uma regra pragmático-semântica é uma função de contextos para intensões. A nível da frase, a intensão é uma

função de mundos para valores de verdade. Kaplan chama a isso o “conteúdo” da frase e, como anteriormente, corresponde à noção tradicional de uma proposição. A regra compósita pragmático-semântica é uma função de contextos para conteúdos; a isso chama Kaplan “carácter.” O conteúdo é o que fica indeterminado pelas frases deícticas nos nossos exemplos; o carácter é o que determina o conteúdo, dadas todas as características contextuais relevantes de um contexto de elocução. Assim, quando vemos a referida frase no quadro, o carácter diz-nos para procurar o locutor ( $\alpha$ (“eu”,  $C$ )), o auditório e a data da elocução; uma vez descobertos estes factores, saberemos o que tem de ocorrer num mundo possível para que a frase seja verdadeira nesse mundo.

Afirmei que, quando encontramos sem preparação a frase no quadro, não sabemos (completamente) o que diz. E eu tinha razão. Mas há outro sentido perfeitamente bom em que compreendemos a própria frase, e praticamente qualquer pessoa que fale português compreende “Estou doente” completamente fora de contexto. Kaplan argumenta que se deve reservar a palavra “significado” para o carácter e não para o conteúdo, com base na ideia inteiramente razoável de que qualquer pessoa comum que fale português conhece sem dúvida os significados de frases deícticas quotidianas mesmo quando não conhece os parâmetros contextuais que fixariam os seus conteúdos. Contudo, esta acepção de “conteúdo” é também algo a que faz pleno sentido chamar “significado.” Dificilmente isto é uma questão de acesa disputa.

Computar  $\alpha$  e/ou caracterizar o carácter não é a única tarefa da pragmática semântica. Outra tarefa, terrivelmente controversa, é a *desambiguação*. Muitas frases, como “As visitas podem ser aborrecidas,” “O Eduardo deitou-se a dormir” e (o exemplo é de Paul Ziff) “Ele passou ao largo do rato,” são obviamente ambíguas.\* E, na verdade, quase toda a frase que encontramos na vida é tecnicamente ambígua, no sentido de ter um ou mais significados possíveis, ainda que rebuscados, além do significado que normalmente é visado por quem fala. Contudo, raramente paramos para pensar, e nem nos damos conta de que estamos a escolher de entre uma gama de significados possíveis (e não apenas a preencher lacunas num conteúdo proposicional que de outro modo seria unívoco). Como fazemos isto é uma questão difícil, muito mais difícil do que a de saber como computamos  $\alpha$ . Demasiado difícil para este livro, decerto, ainda que se façam algumas alusões no capítulo 13.

Isto é a pragmática semântica. Em contraste, a pragmática pragmática toma o conteúdo proposicional como garantido e faz perguntas mais latas sobre o uso das frases em

\* Os exemplos originais são *Visiting philosophers can be boring* (visitar filósofos pode ser aborrecido, os filósofos visitantes podem ser aborrecidos), *Ted is lying about meditating* (Ted está a mentir sobre a meditação, Ted está deitado meditando), *The mouse tore up the street* (o rato precipitou-se pela rua fora, o espinhaço do rato ao cimo da rua). *N. do T.*

contextos. Uma mesma frase com um conteúdo proposicional já fixado pode mesmo assim ser usada para fazer coisas curiosamente diferentes em contextos diferentes. Como veremos nos capítulos restantes, a produção e compreensão da linguagem envolve muito mais do que apenas a apreensão do significado proposicional, por mais que este último seja difícil de explicar.

## Sumário

- A pragmática linguística é o estudo dos usos das expressões linguísticas em contextos sociais.
- A pragmática semântica estuda, em particular, a determinação do conteúdo proposicional por meio do contexto.
- Davidson lida com o problema dos elementos deícticos complicando a forma canónica das suas frases V.
- O defensor da teoria dos mundos possíveis lida com isso relativizando a verdade a um conjunto de factores contextuais que afectam o conteúdo, como o locutor e o momento da elocução.
- Mas ambas as abordagens se podem livrar de ter de fazer a listagem de um conjunto fixo de características contextuais, se nos servirmos da função de atribuição  $\alpha$ .
- Além de acompanhar os usos complicados de expressões deícticas particulares, a pragmática semântica encarrega-se de resolver o terrível problema da desambiguação.

## Questões

1. Haverá uma maneira melhor de Davidson ou a teoria dos mundos possíveis resolver o problema da deixis que não introduzindo a função de atribuição  $\alpha$  de Harman? Em particular, será que  $\alpha$  cria por si novas dificuldades?
2. Tome uma expressão como “eu” ou “agora” (ou “amanhã” ou “recentemente” ou “ocidente”...) e tente formular a regra *exacta* que lhe permite atribuir conteúdo proposicional à frase na qual ocorre.
3. Dê pelo menos os primeiros passos modestos no problema da desambiguação. (Não esteja à espera de resultados impressionantes.)

## Leitura complementar

- Veja-se Szabó (2005) para um trabalho recente sobre a distinção entre semântica e pragmática.
- Para uma discussão dos indexicais um pouco menos técnica do que Kaplan (1978) veja-se Kaplan (1989). Recanati (1993) adopta a abordagem da referência directa aos indexicais.
- Yourgrau (1990) é uma boa antologia sobre demonstrativos.

- Taylor (1988) e Nunberg (1993) contêm excelentes exemplos de construções indexicais inusuais.